

DANIEL

SHAW

ENTRE MUNDOS

DANILO BARROS

DANIEL

SHAW
ENTRE MUNDOS

Goiânia – Go
Kelps, 2020

Copyright © 2020 by Danilo Barros

Editora Kelps

Rua 19 n° 100 — St. Marechal Rondon- CEP 74.560-460 — Goiânia — GO
Fone: (62) 3211-1616 - Fax: (62) 3211-1075

E-mail: kelps@kelps.com.br / homepage: www.kelps.com.br

Diagramação: Marcos Dígues
dfguesdiagramacao.com.br

CIP - Brasil - Catalogação na Fonte

DARTONY DIOCENT. SANTOS - CRB-I (1ª Região) 3294

S534 Barros, Danilo

Daniel Shaw, Entre mundos. - Danilo Barros. - Goiânia /
Kelps, 2020
170 p.: il.

ISBN:

1. Literatura brasileira. 2. Romances. I. Santos, Dartony Diocent. II. Shaw, Daniel. III. Entre mundos. IV. Título. V. CIP. VI. Índices. VII. Catálogo sistemático.

CDU: 821.134.3(81)-31

CDU:821.134.3(81)-31

DIREITOS RESERVADOS

É proibida a reprodução total ou parcial da obra, de qualquer forma ou por qualquer meio, sem a autorização prévia e por escrito dos autores. A violação dos Direitos Autorais (Lei n° 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2020

SUMÁRIO

Prólogo.....	7
Capítulo I.....	11
Capítulo II.....	15
Capítulo III.....	18
Capítulo IV.....	23
Capítulo V.....	28
Capítulo VI.....	37
Capítulo VII.....	42
Capítulo VIII.....	44
Capítulo IX.....	47
Capítulo X.....	48
Capítulo XII.....	52
Capítulo XIII.....	54
Capítulo XIV.....	58
Capítulo XV.....	63
Capítulo XVI.....	67
Capítulo XVII.....	71
Capítulo XVIII.....	74
Capítulo XIX.....	77
Capítulo XX.....	81
Capítulo XXI.....	85
Capítulo XXII.....	93

Capítulo XXIII..... 94

Capítulo XXIV 96

Capítulo XXV 98

Capítulo XXVI 103

Capítulo XXVII 106

Capítulo XXVIII 109

Capítulo XXIX..... 111

Capítulo XXX..... 115

Capítulo XXXI..... 118

Capítulo XXXII..... 119

Capítulo XXXIII..... 122

Capítulo XXXIV 126

Capítulo XXXV 128

Capítulo XXXVI 131

Capítulo XXXVII 135

Capítulo XXXVIII 138

Capítulo XXXIX 139

Capítulo XL..... 141

Capítulo XLI 144

Capítulo XLII 149

Capítulo XLII 152

Capítulo XLIII 154

Capítulo XLIV..... 158

Capítulo XLV..... 160

Capítulo XLVI..... 164

Capítulo XLVII..... 166

Capítulo XLVIII..... 168

Capítulo XLIX..... 169

PRÓLOGO

Das sombras, uma mulher surgiu na floresta, em seus braços carregava um bebê. Ela corria o mais rápido que podia em direção a uma pequena cabana que se erguia em meio a escuridão da noite.

Ela bateu à porta, e um homem veio a atender.

— Já esperava sua visita — disse o homem.

— Arnold, meu amigo, preciso que cuide dele, eu só confio em você para essa função — solicitou.

— Não posso fazer isso, não sei lidar com crianças — respondeu rispidamente. — Além disso, logo irão me encontrar. Afinal, eu sou um condenado — completou.

— Você não será rastreado. Você sabe como confundi-los, faça-os pensar que está morto! — ordenou a mulher severamente.

— Você sabe que é perigoso! Temos que proteger esse segredo para sempre! Ninguém poderá achá-lo! — respondeu Arnold olhando para os lados, desconfiado que pudessem estar o observando. — Essa criança definirá o fim dessa guerra, por que não a deixa com os anjos?

— Cuide dele, por favor! — Suplicou — Você é o único em quem confiamos. Você conhece a profecia! Nunca permitiria que ele so-

brevivesse, ele não pode saber de nada! Não deixe que o descubram! Pelo menos não até ele ter a idade certa. Gabriel também o protegerá, não podemos confiar nem nos cavaleiros da luz — implorou a mulher, atropelando as palavras.

— Não! Não posso! Você não pode me pedir isso. Eles virão atrás de mim! Gabriel não poderá protegê-lo para sempre, nem você, nem eu — respondeu ele com uma expressão de pavor. — Os demônios irão atrás dele, não há anjos capazes de protegê-lo da força de Lúcifer.

— Miguel tem um plano e expulsará todos os demônios de volta ao inferno hoje. Faça isso, por favor. Se fizer, perderei sua dívida, sua alma lhe será devolvida e não precisará nunca mais servir a mim, mas proteja meu filho. Não deixe que o matem ou lhe façam qualquer mal. — Tentou ela quase suplicando por sua ajuda.

— Tudo bem, farei isso por que sou seu amigo, mas precisarei de mais poder. Não conseguirei enganar eles por muito tempo e, Gabriel também terá que me ajudar, pois isso exigirá muita magia! Você sabe que, mesmo com todo meu poder, não conseguirei por muito tempo segurar a força que pode ter essa criança. — Convenceu-a Arnold.

— Tudo bem façamos isso — respondeu ela aliviada.

Arnold então se levantou e foi até uma prateleira, pegou uma taça cravejada com rubis nas bordas, cheia de caveiras desenhadas por todos os lados. Colocou-a sobre a mesa onde estavam e disse as seguintes palavras: *“Lúcifer, potestatem dedit mihi de filia eius”*. Em resposta a mulher disse: *“Et dabo tibi filium potestatem adão”*, pegou uma adaga em seu vestido, cortou sua própria mão e derramou sangue até a borda.

Pegando o cálice, ele bebeu todo o sangue e os dois disseram ao mesmo tempo: *“Hoc ita faciat, et sic adimplebitis”*.

— Vamos Lilith! Eles já estão chegando — Apressou Gabriel, entrando pela porta da pequena cabana de Arnold. — Descobriram onde você está! São muitos! Acho que não conseguirei sozinho.

— Saia daqui com meu filho e lembre-se, Miguel se sacrificou por ele, tudo que você fizer não será em vão! — Assegurou-lhe.

— Não esquecerei! — assumindo isso, Arnold pegou um antigo livro, seu cálice e o pequeno bebê que dormia indefeso — Antes de eu ir-me, qual é o nome? Qual o nome da criança?

— Ele se chamará Daniel — disse ela beijando a testa do bebê. — Tchau meu filho, eu ainda irei te ver.

— “*Peribit*” — disse ele e simplesmente desapareceu com a criança.

Na pequena cidade de Nazareth, um homem surgia das sombras e com ele um cesto, e andou em busca de uma casa pelas ruas escuras, mal iluminadas, até que chegou a um bairro com poucas casas. Entretanto, uma se destacava na escuridão, ela era toda iluminada. De cor branca, estava reformada, já que suas bases eram muito antigas. Próximo da porta, ele tocou a campainha, o som estridente se fez ecoar por toda a casa.

— Já vai! — Gritou um homem com uma voz nada contente em ser acordado tarde da noite. — O que precisa?

— Já não lembra mais dos seus amigos, John? — Retrucou Arnold, abrindo um grande sorriso.

— O que você quer aqui? Já não fizemos tudo que pediu? — Alarmou-se John com cara de assustado, não era para aquele homem estar ali.

— Você se lembra de nosso acordo?! Se eu precisasse de mais alguma coisa, você teria que fazer? E eu preciso de você agora — Alertou Arnold num tom de seriedade que chegou a causar arrepios em John.

— Não, não farei mais nada para você, saia da minha porta, não apareça nunca mais aqui! — Frisou John fechando a porta na cara do mago.

— Se você não fizer isso eu retirarei meu encantamento e sua filha morrerá!

— Não pode fazer isso! Como você disse antes, ela já não pertence a você — Defendeu-se John com certo tom de raiva em sua voz.

— Isso é verdade! Mas acordos podem ser feitos e desfeitos, não é meu caro amigo? — Ironizou o mago jogando um verde.

Ainda hesitante, o pobre homem abriu a porta e perguntou:

— O que precisa? — indagou ríspido.

— Eu preciso que cuide desse bebê junto com sua família, cuide como se fosse seu, as crianças crescerão juntas como irmãos, você entendeu?

— De quem é essa criança? — Indagou ao ver o pequeno bebê no cesto em sua mão pouco enrugada.

— Não faça perguntas. A única coisa que precisa saber é que eu irei morar perto da sua casa, então não pense em jogá-lo por aí, pois eu estarei de olho. Quando chegar a hora certa eu explicarei tudo.

— Se eu fizer isso, a doença não voltará? Ela é a única coisa que eu e minha esposa temos, não pode tirar ela da gente. — Respondeu aceitando a situação.

— Se você fizer isso, ela viverá como uma criança normal.

— Tudo bem, dê-me a criança, o que mais preciso saber dela? — Disse John curioso.

— As únicas coisas que precisa saber agora é que ela é muito especial, tem muitas pessoas a protegendo e seu nome é Daniel.

— Protegendo do quê? De quem?

— De demônios — afirmou o mago saindo da varanda com calma.

— Mas quem irá proteger minha família? — perguntou John assustado com a resposta.

— Não se preocupe, ninguém irá achá-lo, somente cuide muito bem dele — Assegurou Arnold e sumindo em meio à escuridão da noite.

Sozinho e com a criança, John o pegou em seus braços e observou o pequeno bebê, uma criança que parecia ser inocente, que dormia mesmo com toda aquela conversa.

Foi quando a criança pegou em sua mão. Num pequeno ato que todo bebê tem, ele sentiu-se bem, uma paz interior foi tomando seu corpo de sentimentos felizes.

— É, parece que Merie e eu ganhamos mais um filho! Só me resta uma pergunta a fazer, quem será você, pequeno Daniel? — Completou o mais novo pai, colocando a criança de volta ao cesto e a trazendo para casa.

CAPÍTULO I

Nazareth é uma cidade pequena e logo o boato de que John teve um filho fora do casamento percorreu a cidade. Muitos iam à casa dos Shaw só para saber se era verdade, se existia mesmo uma criança. Apesar dos rumores, o jovem casal criou a criança com todo amor que podiam dar a ele e a Jesse, trataram-lhes como se fossem irmãos.

Era impossível não gostar de Daniel, quem chegava perto da criança se sentia bem, alguns até se diziam curados de doenças. Arnold tratou de protegê-lo para que os boatos de cura não percorressem a cidade, jogando um feitiço para que todos esquecessem qualquer contato com Daniel, e produziu um feitiço sobre ele para

que ninguém soubesse de seus poderes. Sendo assim, ninguém se importava com a criança, tratando-a como um bastardo.

A infância de Daniel foi bem tranquila na casa dos Shaw. Eles moravam na Rua 77 do bairro dos Fairview, não tinham muitos vizinhos. O mais próximo da família era o tio Arnold que morava a poucas quadras dali. Ele sempre contava histórias de terror para as duas crianças e elas o amavam. Era ele que cuidava dos dois quando os pais viajavam, mas constantemente eles o visitavam.

Jesse e Daniel criaram uma amizade especial, sempre muito amigos, brincavam juntos, estudavam juntos, gostavam de ler, ouvir músicas, brincar no velho carvalho e um zelo para com o outro.

Apesar de Daniel ser uma criança adorável, muitos garotos na escola o provocavam por não ser filho legítimo, mas ele nunca revideava, pois não sentia raiva dos garotos, mesmo sentindo-se triste, e quando isso acontecia, todos em sua volta se sentiam tristes também. Como se a felicidade tivesse sumido do mundo, as emoções do garoto sempre controlavam o ambiente. Contudo, quando via Jess, toda a alegria se restaurava...

Tudo ocorria bem até aquele dia. Em uma brincadeira, Jesse subiu o mais alto que podia no carvalho e pulou, ao cair quebrou uma das pernas e começou a urrar de dor. Longe de casa e sentindo a dor de sua irmã, Daniel a abraçou e desejou com toda sua força que ela estivesse bem, que ela não sentisse mais dor, e de repente uma luz forte emanou do garoto para Jesse e a perna, antes quebrada, simplesmente se curou.

As duas crianças ficaram assustadas com o que tinha acontecido e foram direto para casa contar aos seus pais. Enquanto corriam, Jesse percebeu algo estranho nas costas de seu irmão.

— Ei Dan, espere!

— O que foi?

— Você está sangrando! — disse assustada. — Tire a camisa, deixe-me ver.

— Mas não sinto nada — respondeu ele tirando a camisa sem entender o que estava acontecendo.

Ela observou as feridas, eram duas fendas profundas que dava para ver os ossos. Na verdade, parecia que o osso estava saindo, perfurando as costas.

— Vamos para casa, meu Deus! Você está machucado! — Apontou ela correndo para a casa.

— Sério? Eu não sinto nada! — admitiu ele enquanto tentava sentir a ferida que ela dissera.

— Vamos! Temos que contar ao papai.

Os dois entraram pela porta correndo, assustando a mãe que estava na sala descansando.

— Que correria é essa de vocês dois? Já disse para não brinca-rem dentro de casa! Vão acabar se machucando nos móveis — Avi- sou com uma expressão severa, mas em um tom bastante calmo para as duas crianças. — O que é isso? De onde vem essa camisa cheia de sangue?

— É do Dan mãe, eu caí de uma árvore, me machuquei, ele veio me ajudar e de repente eu não estava mais machucada e ele estava sangrando — disse ela confusa e bastante assustada.

— Jess, pegue algumas gazes que estão no armário e minha maleta, por favor. E você, meu filho, vire-se, me deixa ver suas feridas. — Pediu a mãe.

Merie era uma médica muito respeitada na cidade, quando Daniel chegou ela estava de plantão. Ao chegar em casa, o marido explicou o que tinha acontecido. Quando teve a Jesse, sua gravidez foi complicada e ela quase morreu no parto, tiveram que retirar parte de seu útero para que ela sobrevivesse, logo, ela não poderia ter mais fi-

lhós. A vinda de Dan alegrou seu coração, pois sentia que Deus havia lhe dado mais uma chance, além disso, aquela criança tinha algo especial, ela soube assim que a tomou em seus braços. Seu sorriso a fez sentir como se estivesse nas nuvens. Assim, o criou com todo amor e carinho que ela podia dar, ensinando tudo que podia. Como ela desconfiava, ele era especial e algumas vezes até presenciou alguns milagres que ele fazia, mas não podia chamar atenção para ele, afinal, alguém estava o caçando, e toda vez que ele fazia algum milagre o mago tinha que intervir para que ninguém lembrasse ou contasse a alguém o que tinha acontecido. Contudo, ele estava crescendo e seu poder estava cada vez mais forte, dava para sentir sua presença de longe, todos que chegavam perto se sentiam felizes e às vezes não se podia apagar a memória de todos.

— Vai ficar tudo bem meu filho — disse Merie acalmando-o.

— Aqui está mãe — Prontificou-se Jess, entregando várias gazes e a maleta dela. — Vamos ter que ir ao hospital mamãe? Ele vai ficar bem?

— Não sei minha filha, por favor, ligue para seu pai e diga a ele que seu irmão está machucado — Ao limpar os ferimentos do filho, Merie percebeu que não eram feridas e sim ossos que estavam saindo das costas do filho, como se fossem asas. — Rápido filha, e ligue também para seu tio Arnold, diga a ele que está acontecendo algo com seu irmão e que ele precisa vir urgentemente!

Enquanto a filha ligava, Merie observava a marca de nascença que o filho tinha nas costas. Era uma mancha parecida com estrela, uma estrela de seis pontas. Quando ele era pequeno, sempre ficava maravilhada com aquela marca, dizia ao filho que ele era a estrelinha dela, e toda vez que via-o sorrir, o mundo inteiro se alegrava, ela sorriu ao se lembrar destes momentos. *“Não sei o que está acontecendo com você meu filho, mas vai ficar tudo bem”*.

— Eu estou com medo mãe – murmurou Daniel.

— Nunca tenha medo meu filho, mamãe está aqui para proteger você — respondeu o abraçando fortemente. — Se sentir medo, faça o seguinte, rogue a Deus e ele lhe atenderá.

— Mas você não é minha mãe, as outras crianças me falaram que eu sou um bastardo, zombam de mim. O que é bastardo, mãe?

— Você é meu filho, não importa o que significa, quando alguém te fizer algum mal não revide, você é melhor que isso — desmentindo, Merie aperta as bochechas dele.

— Eles já estão vindo! Papai está no serviço e o tio Arnold já está chegando — Informou Jesse, ainda assustada com o que estava acontecendo.

— Calma Jess! Vai ficar tudo bem — Disse Daniel com um jeito terno e seguro. Repentinamente, todo o medo desapareceu e ela estava calma e confiante que tudo daria certo.

Foi quando alguém bateu à porta.

CAPÍTULO II

Enquanto isso, em Veneza, um homem andava de um lado para o outro do pequeno apartamento, estava irritado, olhava para seu relógio tantas vezes que o gesto se tornou involuntário.

— Ele está demorando demais! — disse o homem se sentando em uma poltrona bastante confortável. Ele sorriu ao ver onde estava, era a suíte presidencial do melhor hotel de Veneza, o quarto era todo dourado com pinturas do tempo renascentista e ainda tinha uma cama de casal que cabia uma família de cinco pessoas tranquilamente.

Cansado de esperar, ele ligou a televisão, estava passando um noticiário no jornal, uma bela moça anunciava a grande onda de calor que atingia a Itália.

— Se acha isso aqui quente tem que ver como é o inferno — Apontou ele rindo novamente. Vendo que havia uma garrafa de whisky sobre o criado-mudo, ele a abriu, colocou em um copo e bebeu em um gole. — Tinha me esquecido de como são prazerosos esses drinks modernos!

Quando preparava outra dose, ouviu alguém bater à porta, se dirigiu até a mesma e abriu com um grande sorriso no rosto ao ver quem era.

— Achei que estava morto!

— Gabriel está aqui, meu senhor! Como você previu! Quase me encontrou, contudo, consegui despistá-lo — Antecipou o homem com uma expressão de medo sem olhar diretamente nos olhos do mestre.

— Você deixou Gabriel te encontrar? — Proferiu o mestre furioso. — Você não o despistou seu idiota, você o trouxe até a mim!

— Não foi minha intenção, mas eu o despistei. Ele não irá te encontrar, mestre Caim, meus encantamentos não permitirão tal feito. — Respondeu o servo mostrando confiança.

O mestre soltou uma grande gargalhada forçada.

— Você sabe quem é Gabriel, jovem Jonas?

— Ele é só um anjo, meu mestre, o que sobrou daquela raça, o senhor é muito mais poderoso que ele!

— Gabriel não é só um anjo, ele é um arcanjo, um dos mais poderosos na verdade, o segundo na hierarquia dos arcanjos, ele é irmão de Miguel, que colocou nossa senhora em sono profundo, não se deve subjugar o grande poder que ele tem, seu merdinha!

— Desculpe-me mestre, eu ajutarei tudo, o encontrarei e o matarei. Juro ao senhor – prometeu o pobre servo.

— Hum... então você o matará? E como pretende fazer isso meu filho?

— Eu preciso de mais um pouco de poder e poderia usar uma das espadas infernais, meu mestre, me transforme em um demônio e eu poderei lhe servir melhor — suplicou o servo, se ajoelhando para implorar.

— Venha até aqui meu filho, venha — ordenou Caim abraçando a cabeça de Jonas — diga meu filho, enquanto você o vigiava, ele estava com alguma criança?

— Não vi nenhuma criança com ele, meu senhor, e tenho certeza que não há nenhuma criança no templo da luz.

— Como tem tanta certeza assim?

— Eu encantei uma aranha, que o observou por todo templo e não encontrou nenhuma criança, e quando ela estava saindo do prédio Gabriel a achou e acabou encontrando meu rastro, mas encantei vários homens, ele nunca me encontrará.

— Olhe nos meus olhos, meu filho — ordenou Caim puxando a cabeça dele para cima. — Ele não é idiota, não cairá em seu truque, mas você irá me ajudar a sair dessa.

— Como meu senhor?

Ele olhou profundamente nos olhos do servo e disse: “*Et convertet in te diaboli*”. Ao dizer essas palavras, Jonas entrou em auto-combustão e começou a queimar gemendo de dor e agonia; enquanto ele queimava, Caim apenas observava.

— Você não queria me ajudar? Não queria ser um demônio? Então você irá me ajudar, encontre Gabriel e o mate.

Após dizer isso, Jonas se levantou. Seu corpo era só chamas, no lugar onde era para serem os seus olhos havia somente buracos, suas unhas eram tão afiadas quanto seus dentes, seu cabelo era uma labareda de fogo, não se podia ver nenhum traço humano nele.